

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



O LIVRO E A LEITURA

VOLUME 20, 1999

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**ESPAÇOS DEFESOS DA ESCRITA
NO PORTUGAL SETECENTISTA
Um diálogo de amor**

Apresentação

Um diálogo de amor, compilação de "fórmulas" a aplicar na arte de namorar, eis um trecho que mereceu a atenção da censura portuguesa no último quartel de setecentos.

Da autoria de um estudante - Lucas Tavares - menino do Coro da Sé de Lisboa, rapaz de 21 anos, o manuscrito viria a ser conhecido da então instituição nacional de censura - Real Mesa Censória - na sequência de um pedido de licença de impressão ali apresentado por um oficial de barbeiro, homem de 56 anos, viúvo, ex-cabo de esquadra da Ordenança da vila de Oeiras - Lourenço Afonso.

Este último por várias vezes tinha assistido à leitura feita por Lucas Tavares do seu texto, leitura que fazia em voz alta a uns cegos, frequentadores da barbearia onde o dito Lourenço Afonso trabalhava⁽¹⁾; não ficando indiferente à expectativa de lucro, no caso de o papel vir a ser impresso, prevista pelos ouvintes/leitores, insistiu

* Universidade Portucalense.

(1) "[...] depois do mesmo estudante ter lido o papel de que se trata por varias vezes na loge de Sabastião Rodrigues, mestre barbeiro, morador ao pé da Igreja de São Luis, aonde elle respondente hera oufficial." A.N./T.T. - *Real Mesa Censória*, caixa 176, [fis. 6-7].

em que o autor lho emprestasse⁽²⁾. Daí, a tresladá-lo e a requerer a respectiva licença de impressão mais não foi que um passo⁽³⁾.

O diálogo com a justiça

Na avaliação dos censores, feita através de interrogatório levantado debaixo de prisão, esta atitude premeditada de impressão com vista à obtenção de lucros foi negada por Lourenço Afonso⁽⁴⁾, diga-se, aliás, de forma algo contraditória e pouco coerente. De resto, como subtil foi também a justificação apresentada, de ignorância quanto à falta de qualidades do escrito, classificado pelos censores no inquérito como contendo termos "indecorozos e tão oufencivos dos bons costumes"⁽⁵⁾; a propósito viria a adiantar mesmo que não fosse esse seu desconhecimento, não o teria submetido à Mesa para despacho. Não negava, porém, ser o autor da cópia do manuscrito e do pedido.

Ouvido Lourenço Afonso, seguiu-se-lhe nos interrogatórios Lucas Tavares, que se confessou desde o primeiro momento e cabalmente como autor do papel "o qual compuzera em alguma hora de oseozidade, sem emtensão alguma de o publicar e munto menos de o dar ao prelo, reconhecendo, como reconhecia, que não hera digno de se empremir"⁽⁶⁾. Confirmava também "que tendo-o por acazo lido na prezença do soubredito oufencial de barbeiro, instara este repetidas vezes para que lhe permetise a copia-lo no que elle respondente consentira á forsa de rogos do mesmo Lourenso Affonso"⁽⁷⁾. E entretanto alertava para particularidades até aí não

O "[•••] este lho pedira para o tresladar e que ouvindo vagamente dizer a alguns segos a quem o lia, que empremindo-se o referido papel, havia lucrar na venda dele", A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 7].

⁽³⁾ "[...] fora o motivo porque emtentara promover a sua intenção digo (sic) a sua empreção e o tresladara da sua letra e fizera o requerimento que com o mesmo papel metera a despacho.", A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 7],

⁽⁴⁾ "[•••] quando elle respondente pedira o papel não declarara a seu dono o para que, nem elle respondente na oucazião que o cupiara se lenbrara de o empremir.", A.N./T.T.- *Real Mesa Censoria*, caixa 176, [f. 8].

⁽⁵⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censoria*, caixa 176, [f. 9],

⁽⁶⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censoria*, caixa 176, [f. 24].

O A.N./T.T.- *Real Mesa Censoria*, caixa 176, [f. 24].

reveladas, a saber. Por um lado, e contrariando, de alguma forma, a informação de L. Afonso, afirmava "que com elle conversara varias vezes na loge do soubredito barbeiro [Sebastião Rodrigues - ver nota 1] e em casa dele respondente aonde o referido Lourenso Afonso fora varias vezes"⁽⁸⁾. Ora, nas respostas do anterior inquirido nada nos fora dito acerca de visitas domésticas. Por outro, "declarou mais elle respondente que o titulo do referido papel menceonado nestas perguntas, hera obra do menceonado barbeiro [Lourenço Afonso]; com o qual o emtentara empremir como agora se lhe declara" ⁽⁹⁾. Vale isto por dizer que o título exposto a censura não fora dado ao texto pelo próprio autor, mas pelo barbeiro L. Afonso que o pretendia fazer imprimir; matéria que este reiteraria no segundo inquérito a que foi sujeito : "E sendo perguntado que titullo tinha o original de que se trata. Respondeo que não tinha titullo, e que hera da invensão delle respondente, aquele que puzera à testa da copia, que metera a despacho no tribunal da Real Menza Sensoria"⁽¹⁰⁾.

A tudo isto acrescentava, sublinhadamente, Lucas Tavares, que não o escrevera com nenhuma intenção particular, apenas para passar tempo; e mais, sabia-o indigno "como tal se achava já arependido de ter feito"⁽¹¹⁾. Uma vez mais, posição distante da do anterior suspeito.

Para se apurarem as dúvidas, decidiu a Mesa repetir as perguntas a ambos os intervenientes no processo: o requerente de licença de impressão e o próprio autor. Vejamos o resultado.

Ao segundo interrogatório respondia Lourenço Afonso "que elle não sabia com serteza que o mesmo Lucas Tavares o tivese fabricado, porem que este lhe aseverara sempre que sim ser elle o autor porem que não sabia se isto seria por vaidade"⁽¹²⁾ apesar de "com serteza ser a letra do referido Lucas Tavares"⁽¹³⁾. E ainda "não haver outros motivos para cahir naquellas quezílias, senão a sua ignorância, a presuação que lhe fizerão os soubreditos segos, e a lembrança de lucrar nos exzemplares que empremise"⁽¹⁴⁾.

⁽⁸⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 23]

⁽⁹⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 26]

⁽¹⁰⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 33]

⁽¹¹⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 27]

⁽¹²⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 32]

⁽¹³⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 33]

⁽¹⁴⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 34]

Note-se o apontamento à possível petulância decorrente da condição de autor, ainda que num texto problemático como o que estava em questão, e a ignorância reforçada para justificar a vontade de publicar, mas, agora, admitindo o gozo do lucro com a respectiva impressão, seguindo tão somente a opinião dada pelos ditos cegos, leitores pela voz de terceiros - posto que de leitura em voz alta usufruíam aquando da previsão por eles feita.

Lucas Tavares, questionado logo de seguida, viria a reafirmar "ser delle respondente" [a letra do original]⁽¹⁵⁾ e mais: "ser a obra toda sua, e que nemguem mais intriviera na compuzição do soubredito papel"⁽¹⁶⁾. Não se coibiu de responder, inclusive, quando instado da anormalidade que representava para um rapaz da sua idade, vivendo debaixo da tutela dos progenitores, ter conhecimento dos factos relatados no papel em análise, ter "bastantes oucaziões de viver factos daquela natureza; pois que a libardade em que ce constetuhia a sua oucupação, de menino do coro da Sé, lhe premitia o asestir a conversações aonde se tratavão aquelles pontos"⁽¹⁷⁾.

Mas que conversações seriam essas? A resposta foi abrangente. "Respondeo que as dos seus companheiros, tanto na mesma Sé, como nas diversas Aullas que tinha cursado, de latim, retórica, e filozofia"⁽¹⁸⁾.

Estava-se, de resto, perante um personagem de boas relações com a palavra, como o próprio se apresentou: "[...] como a sua inclinação hera para a Predica tinha feito hum Sermão de Santo Antonio, que não acabara; e huma Exzortação para a Digna e Fructuoza Comonhão, e huma Carta soubre a Verdadeira Amizade"⁽¹⁹⁾.

Conservava os ditos escritos? Nem todos. O primeiro, tinha-o perdido, o segundo estava em casa em borrão e a última conservava-a uma terceira pessoa⁽²⁰⁾.

Notável o carácter deste jovem escritor, provado quando, consciente da possibilidade de se ver livre da pena acusando para

(15) A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 38].

(16) A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 38].

(17) A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 39].

(18) A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 39].

(19) A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 42].

(20) "A Exzortação para a Digna e Fructuoza Comunhão" e a "Carta soubre a Verdadeira Amizade" foram apensas ao processo. Ver A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176.

tanto um cúmplice - que não nos passem despercebidas e inofensivas as palavras do inquiridor: "E sendo ademoestado que deixase este setorfugio; e declarase sinceramente quem havia composto o papel de que se trata; pois se não conformava elle ministro interrogante, a que fose elle respondente quem o compozera"⁽²¹⁾ - rejeita a hipótese e esclarece "que confesava a verdade; e por cazo nenhum empontaria a outrem a culpa que elle só tinha; e que hera natural que a ser outrem o cumplise, elle o declarase para se exzimir da penna: seposto que tornava a protestar que não sabia que hera para se empremir, que o barbeiro Lourenso Afonço lhe pedira consentise copiar o mencionado diálogo; e que so depois das premeiras perguntas vieren (sic) o conhecimento da audacia que tinha tido o mesmo barbeiro, metendo a despacho no Regio Tribunal da Menza Sensoria a copia que lhe havia extrahido; e que elle respondente pode vereficar com testemunhas não só o seu bom porsedimento, que hé notorio a toda a vezenhansa, mas igualmente as muntas instancias com que o referido barbeiro Lourenso Afonso, o rogou para que consentise na copia de que se trata" ⁽²²⁾.

Tempos

O tempo em que o processo se desenrolou não foi extenso; dilatou-se por pouco mais de uma semana - entre 2 e 11 de Agosto de 1775 decorrem as prisões, os interrogatórios:

"Em execução da ordem do Exmo. e Rmo. Senhor Bispo de Beja, que V. Mercê me participou, no Avizo que me derigio em data de dois do corrente; passei à cadêa da cidade, aonde interroguei ao reo Lourenço Affonssso, na conformidade das Instruções incertas no referido Avizo; as resultas desta deligencia, remeto a V. Mercê no original a esta junto; para que fazendo-o presente ao dito Senhor, ordene este o que for mais justo.

Deos guarde a V. Mercê. Caza a 3 de Agosto de 1775.

Senhor Felis Joze Leal
Francisco de Azevedo Coutinho'²³);

⁽²¹⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [fis. 39-40].

⁽²²⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [fis. 40-41],

P) A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 2],

e novamente a liberdade:

"Vista a informação do juis do Crime do Bairro de Santa Catherina, se lhe passou ordem para que mandase soltar aos reos Lourenço Affonço, e Lucas Tavares, adevvertindo-lhe que se deviam achar no dia dezacete na salla aonde se fazem as sessões do Tribunal da Real Meza Censória, e outrossim que foçem severamente reprehendidos pelo o Deputado Fr. Joze da Rocha. Meza 11 de Agosto de 1775.

Bispo Presidente Bispo da Lacedemónia Larrega"⁽²⁴⁾.

Liberdade testada em Conferência da Mesa:

"Leosse a conta e foi visto o Processo que o juis do crime do Bairro de Santa Catharina havia formado em virtude da ordem desta Meza, aos Reos que havião concorrido para nella ser aprezentada a conversação sobre o novo methodo de namorar; e convencida a Meza de que todo este procedimento dos prezos tinha sido effeito de grande inconsideração, e que por ella estavam castigados pelos dias de prizão; assentou que se paçasse ordem para serem soltos, e virem a este tribunal, para serem reprehendidos pelo Deputado o Senhor Fr. Jozé da Rocha"⁽²⁵⁾.

O texto

Sobre a análise do texto, conhecemos a avaliação feita pela censura em 17 de Julho do mesmo ano, que é a seguinte:

"[...] papel que Lourenço Affonço pertendia imprimir, intitulado = conversação entre dous amigos, na qual se reprehende o modo de namorar, e se dá hum novo methodo mais modesto, e grave = e mostrando que elle estava cheio de periodos obscenos; assentou a Meza, que o papel ficasse suprimido; e que o Author fosse prezo, pelo dezacordo de offerecer à Meza huma similhante obra, de si ordenada para instruir no modo de aliciar, contra o espirito da Ley novissima sobre os cazamentos [...]"⁽²⁶⁾.

⁽²⁴⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, caixa 176, [f. 30].

⁽²⁵⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, livro 10, f. 90v - Conferência de 11/08/1775.

⁽²⁶⁾ A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, livro 10, f. 81 - Conferência de 17/07/1775.

Parece ter chegado o momento de pousarmos os olhos no manuscrito de Lucas Tavares.

" T: Vem amado Aristo a frescura deste bosque frondoso nos está chamando para descançarmos da calma que tanto nos fatiga.

A: Muito me alegro ó amado Timante com a tua presença porem saberás que a calma que mais me molesta não acha refrigerio na doce viração desta selva.

T: Não te entendo eu não sei que haja outro calor mais do que aquele que nos comunica os ardentes raios de Febo.

A: O calor que padeço he muito diferente este he hum incendio que abraza o coração nascido de hum afeto mal conrespondido.

T: Pois não me lembrava agora desse genero de calor, suposto que o tanho (sic) padecido ja muitas vezes, conta-me disso que gosto de ouvir.

A: Honte de tarde vi huma Dama, cuja beleza podia competir com os raios de sol, eu cativo, mostrei-lhe o amor que abrazava meu peito porem ela honesta fechando com indignação a janela, tirou todas as esperanças de a...

T: Basta ja sei não digas mais estás namorado.

A: Desculpa-me, bem sei, que amor he fraqueza, mas adverte que ninguem, nem ainda as mesmas feras as mais indomitas se podem inzentar dos golpes de cupido.

T: Amado Aristo não, eu não reparo nisso, o amor sim he fraqueza quando este he nascido da ambição do interesse, e da luxuria: mas quando ele procede de huma inclinação natural e de hum afeto independente, e dezinteressado antão he louvável, he nobre, e digno de hum homem de baem (sic); no que reparo somente he chamares tu honesta a essa dama que te tratou com tanto desprezo.(f. 1)

A: Porque não he virtude em huma donzela fugir aos olhos dos pertendentes, quando todas principalmente as formozas dezejão ser vistas e requeridas.

T: Eu não posso negar os louvores a quem dignamente os merece por agora. Vejo-te muito prezo della de idade, e não me atrevo a dizer-te o meu parecer, porque temo disgostar-te.

A: Cesse o teu receio dize o que quizeres.

T: De boa vontade louvaria a modestia dessa Dama se não fosse tão afetada: eu gosto mais de huma mulher, não digo bem, de huma senhora, vamos com a moda, que sendo requestada volta o rosto para outra parte ou se retira para dentro com tal disfarce que a

nimguem da a conhecer a loucura, ou o excesso do amante impertinente.

A: Hé verdade que essa he honesta com excesso!

T: Não so he honesta, mas prudente, sabia, e discreta, eu naturalmente havia amar aquela Donzela, que apenas eu olhasse para ella logo as lindas faces se cobrissem de pejo e honesta vergonha.

A: Não cuidei que estavas tão versado na arte de amar!

T: Não he necessario ser grande Filozofa para conhecer que he digna de ser com extremo amada huma Senhora que obra deste modo tão generosa.

A: He certo, e agora conheço que foi grande vaidade nesta Dama mostrar-se comigo tão emfadada.

T: Far-lhe-hias tu alguma acção menos decente?

A: Não eu namorei-a com as acções costumadas, e proprias dos amantes.

T: Pois que acções forão essas? Conta-me.

A: Ora que acções serião..... Pisquei-lhe os olhos.(f.2)

T: Ah?... e não querias tu que ella se escandalizasse?

A: Pois como amas tu, como namoras?

T: Eu se amo huma Donzela para lhe mostrar o meu afeto não troço os olhos, nem faço caretas nem outros momos ridiculos, que baen (sic) longe de significarem hum amor sincero, só servem de mostrar a escandeloza sensualidade em que arde hum coração baixo, e vil.

A: Muito temo ó amado Timante que venhas a dar em beato.

T: Não. Qualquer pode ser serio, e grave sem ser jacobeo assim como pode ser alegre sem ser disoluto, nem dezonesto.

A: Mas desse modo nimguem se cazará, se seguir as maximas que tu estabelececes.

T. Emganas-te. Oxalá que ellas se seguissem deste modo se evitariao tantos escândalos, e se cortaria a cauza a tantas murmurações: o amor o mais serio tem mil traças, mil artes, e mil industrias de que se serve.

A: Concedo que o amor seja muito astuciozo mas como hade saber huma Dama que eu lhe quero baen (sic), se não lhe piscar os olhos, ou se não lhe fizer outra qualquer acção exterior.

T: Eu não reprovoo as acções exteriores, só condeno aquele modo ridiculo, e affeminado de que uzão os insensatos amantes: ves tu huma Senhora que te agrada tira-lhe o teu chapeo mas com huma acção seria, e modesta, ella movida da tua cortezia, e gravidade

conresponde agradecida, porque todas as mulheres, principalmente as da corte se prezão de atenciozas, e querem parecer politicas, despois he natural que entre ela a discorrer pela memoria, para ver se pode conhecer quem (f. 3) tu sejas, e sem poder dezembaraçar esta duvida fica ja disposta para cortejar-te outra ves, da tua parte está o continuares para ela ir percebendo o teu excesso amante deste modo pouco a pouco se vai gerando o amor, o qual como hum doce veneno correndo de veia em veia lá vai introduzilla no teu coração.

A: Esse he hum modo baen (sic) fácil de conquistar qualquer mulher.

T: Olha amado Aristo aquela que se não rende deste modo he ou porque tem feito voto solene de não agradar senão a Deus ou porque taen (sic) outro objeto a quem adora firme e contante (sic).

A: Tão baem (sic) me parece que será util para esta empreza enviar-lhe huma cartinha!

T: Eu não venho emsinar-te a amar disse-te isto para que tu entendesses que erão escandelozas essas acções que tu julgavas necessarias, e sem culpa.

A: Estou persuadido disso. Mas ja que falamos nesta materia has-de ter paciencia, que a hei-de examinar com miudeza visto ter tão bom mestre.

T: Eu não censuro as cartas, elas entretaeem (sic) a conrespondencia amorosa, são o dezafogo das aflições do coração todos os amantes uzão deste meio para significarem a sua amada as ancias as penas, e o martirio que lhe tem cauzado a sua beleza, mas quero que as palavras sejam claras, vivas, e honestas.

A: Que entendes tu por palavras claras, vivas e honestas?

T: Que tudo aquilo que se escrever seja claro, e percetivel, e que as expressões sejam tão simples, tão natur aes, e tão vivas que pareção filhas da alma, e não do discurso, que a paixão e o amor he quem só unicamente as dita.(f. 4)

A: Outro dia vi eu huma carta de hum Amante que estava bem viva e bem apaixonada, por certo que me agradou.

T: Talvez que não preste para nada; lembra-te alguma coiza dela?

A: Lembra-me que principiava asim: estou tão encantado de sol dessa tua gentil beleza, cujos raios refletindo em meu peito, cauzarão tal ancia no meu amante coração que a alma qual Aena abrazado parece desfazer-se em amorozos incendios, e ...

T: Lá tá tá menos bulha para que he dar-lhe com tanta força a rapariga já está por terra.

A: Pois não presta! [riscado]

T: Eu não digo que não presta, esta muito boa, parece-me huma trombeta que rouca que em vão lança vozes aos ares.

A: Ora sempre tu taens (sic) genio baen (sic) terrivel!

T: Pois dize-me tu são essas vozes tão inchadas proprias de hum amante que vive arebatado da grande paixão de amor ou podem jamais fazer impressão na alma de huma Dama ainda que seja muito terna e amorosa! Tu, suponho que te agradarte só das ceteras que ornavaõ as letras do tal escritinho que he do que gostãõ e no que se esmerãõ estes amantes da moda, [à margem: Como ha-de ela capacitar-se de huma coiza que conhece ser huma lisonja tão desperporcionada].

A: Estás baen (sic) despropozitado, tu suponho que estás apostado a dizer mal de tudo. (f. 5)

T: Pois não he asim eu para dizer que huma senhora he formosa e que por isso gosto dela necesito uzar desses palefrorios tão afetados que não querem dizer nada, e que a mesma Dama talvez os não perceberia? Ora considera tu agora quantas vezes não havia ficar esse amante suspenso sem saber como havia acabar a carta, quantas vezes não olharia com a boca aberta para o ar, quantas não bateria com a mão na testa e talvez que em huma tarde enteira fechado no seu cubiculo não acabasse o tal papelinho não basta só que as palavras soem baen (sic) nos ouvidos, he necessario que firãõ a alma, e que penetrem o coração quanto mais agradável e persuaziva he a carta deste amante dis asim: amo-te o bela Senhora eu bem quero recuzar este amor, por me parecer atrevido, mas não posso porque a alma já vive muito preza não sei se de huma naturai combinação, ou se dos suaves atrativos da tua beleza que deste modo he que fala hum coração que esta dominado de afeto e de ternura.

A: He verdade que esse exprime o seu amor com graça paixão, e singleza.

T: O tal amante dessa cartinha tão gavada por ti julgo que não devia ter lido toda a sua vida senão pelo livro intitulado Alivio dos Tristes con solução do (sic) queixozos onde o autor não conta os sucessos de huma Dama sem a comparar com o sol, com as flores da primavera, com as lizonjas de Abril, e com as delicias de Maio, e para se saber a istoria aos bocadinhos he necessario a gente afligirse, e atormentar a memòria, (f. 6)

A: Eu de boa vontade lhe perdoaria esse estilo afetado se eles não uzassem de outro mais torpe, porque nem todos os homes (sic) podem ser retóricos, mas todos podem e tem obrigação de serem honestos.

T: Eu não nego isso: só o que reprovoo he eles trabalharem com o juizo para dizerem palavras pompozias e sublimes, sendo tão ignorantes que desprezão aqueles termos naturaes que costuma inspirar a paixão amorosa.

A: Que tal ficarias tu o meu amado T. se tu lessees huma carta que li outro dia.

T: Pois que dizia?

A: Não me posso agora recordar de toda a carta so me lembra que pedia a sua amada dois beijos e a fita da sua anagoa, e...

T: Cala-te, se soubera não te perguntava nada, essas coizas não se podem ouvir sem horror, hum home (sic), que se atreve a pronuciar (sic), ou a escrever palavras tão torpes he indigno de ser amado, e a dama que fes não o mandou logo a tabua?

A: Se eia era tão relachada como elle.

T: Assim me parece. He necessario ter huma alma bem baixa, e sordida para cair em tão detestáveis torpezas tuo (sic) o amado Aristo se algum dia quizeres baen (sic) a alguma Donzela peço-te que a ames com nobreza, que lhe queiras com excesso, mas que não excedas os lemites da honestidade e que huma grave e seria modestia seja mestre de quem he aprendes as lições do bem querer, (f. 7)

A: Aceito esse concelho tão saudavel. A fortuna padeçe que permétio que eu te encontrase para me advertires de tantos erros em que eu, assim como os mais amantes, tanho (sic) cahido continuamente.

T: Não he a fortuna, he o meu amor que sempre se anda a encontrar contigo.

A: Agradeço a lizonja; mas agora a tua amizade ha-de consentir que eu te faça mais esta pergunta.

T: Responderei se souber.

A: Ólé se sabes tão bem instruido estivessees tu nas orações, como estás na arte de amar.

T: He verdade que está perto a quaresma diz depressa que a tarde ja vai declinando.

A: Supõem (sic) tu que eu estou namorado quero escrever a minha Senhora por quem lhe hei-de mandar a carta.

T: Este officio de levar cartas foi algum dia dos aprendizes de

barbeiro, hoje não sei a quem toca, porque como Cupido ja não fas cazo de mim, tão bem me não he necessario sabe-lo.

A: Antão deixas-me asim nesta duvida em huma materia tão necessaria.

T: O melhor he leva-la tu mesmo.

A: Pois se eu vou em pessoa para que he a carta se eu lhe posso dizer tudo claramente e muito a minha vontade.

T: Emganaste asim me parecia a mim, mas quando me via na prezença da minha bela ingrata, não sei que susto me ocupava todos os membros, transportado daquela dama de estar gozando da vista da minha senhora esquecia-me o (f. 8) recado ainda que o levasse baen (sic) estudado, e as vezes ha coizas, que ainda que sejam muito serias, hum homem taem (sic) vergonha de lhas dizer.

A: Parece-me que seria justo mandar o escrito por algum amigo meu particular, que o podesse entregar comodamente.

T: He justo mas he necessario que tu saibas destinguir os amigos verdadeiros dos falsos, estes são aqueles que fazem semblante de te amar, e não amão senão o que tu lhe das, aqueles porem amão-te sem interesse dezeirão ter ocasiões de te mostrar não com palavras mas com obras o quanto são empenhados na tua felicidade.

A: Logo achando eu hum amigo que me ame sem dependencia poderei fiar dele este negocio.

T: Não deste só que ele seja dezinteressado, he perciso que tanha (sic) huma alma grande e generosa para desprezar as ocasiões que se lhe oferecem, porque o amor he muito sutil entra pelos olhos e logo se apodera do coração.

A: He verdade que tanho (sic) ouvido istorias de alguns amigos que se emcarregarão de semelhantes empresas, e depois não tendo valor para rezistir, as violencias do amor, quazi saem (sic) quizerem, cahirão na mais fea traição, e infidelidade.

T: Dessa casta de perfidia ha no mundo mil exemplos.

A: Pois tomo o teu concelho leva-la-hei eu por me livrar de escrúpulos.

T: Sim he o melhor, porque o homem he fogo, a mulher estopa, e o diabo folha que asopra.

A: Deixa os zelos que he hum vicio so proprio das mulheres namoradas, não pode hum pobre home (sic) tirar por cortezia o seu chapeo a outra mulher, que ellas logo não fação huma quimera, e em apanhando o mizaravel amigo de cara a cara (f. 9) não cessão de lhe atroar os ouvidos com queixas.

A: Essa agora he que eu não posso ouvir, com que eu se amar huma donzela e a vir falar, e cortejar a outro não hei-de arder, depois de ela me ter protestado com lagrimas que he so minha, e que eu he que sou so o Senhor da sua alma, do seu coração e dos seus sentidos.

T: Pois ainda tu te fias de mulheres? Eu não me creio nelas nem quando me falão serio, nem quando rieem (sic), nem quando chorão, quando me falão serio, estão forjando o modo com que me hão-de enganar, quando rieem (sic), he porque ja me tem logrado de todo, e quando chorão he porque veem que me não podem emganar.

A: Deixemos graças eu quero agora ver se são jostos (sic) os meus zelos.

T: Ou he que eles taem (sic) fundamento ou não, senão taem (sic) fundamento he huma parvoice baem (sic) redicula te-los, e se o tem isto he se tu sabes realmente que ela te he falsa deixa-a de todo porque como ela te não ama; tão bem não perdes nada, e he loucura tão grande continuares em adora-la como he loucura fabricares tu huma quinta para outro comer os frutos.

A: He verdade quem quizer veste que lhe custe, ja não quero ter zelos não quero emagrecer.

T: Peço-te por caridade que não digas a mulher alguma que eu te disse isto, senão saltará em mim todos os filhos de Adão e quando me não possão dar (sic) aripiar com as unhas açoitar-me-hão com a lingua.

A: Dizes baem (sic) porque he amar a quem ingrata me aborrece, porem o melhor sera fugir as ocações, porque sei que me ha-de custar muito deixar aquela que chegou a reinar no meu coração.

T: Em tão poucas palavras muito dicestes: infelis daquele que não conhece que buscar ocações, e buscar cadeias para perpetuamente se(f. 10) emlaçar, e prender.

[Riscado- A: He sem duvida a quem poucos os homes (sic) fogem delas. T: Não só não fogem mas buscão-nas contentes, a maneira do simples inocente paçarinho, que brinca contente e se namora da mesma raça que lhe tece a morte]

Tu porem foge delas, não sejas como o simples passarinho que incauto brinca, e inocente se namora da mesma raça que lhe tece a morte.

A: Abraço os teus concelhos tão prudentes, e saudaveis, fugirei a todas as ocações, mas quando me não seja possivel evita-las, serei ao menos tão acautelado, que as mesmas acções não serão jamais o objeto de escândalo, nem da murmuração.

T: Assim o espero: mas eu vou-me retirando para caza, bem ves que o dia acaba

[Linhas seguintes parcialmente incompletas por dano no documento]

[...] de noite não vejo nada.

A: Está forte pressa ainda tu me has-de [...] este cupido armado de flechas.

T. Oh esse menino he [...] muito do agrado do [...] [tra]zem-no ao colo, andão agora emsinan[do] [...] meia.

A: Assim he que as mulheres trazem o tal figurino[...] que uzão, ora não há moda mais redicula.

T: Não digas mal da moda nem do tal menino, senão virão sobre ti todas essas filhas de Adão e quando te não possão arepiar com as unhas, acoitar-te-hão com a lingua.(f. 11)

T: Ó esse menino he lá muito do agrado das Senhoras, cupido tão celebrado dos poetas pelo deus dos amores foi filho de Venus deusa da formozura, e das delicias, a antiga gentildade o adorava como rei que dominava em todos os corações pintasse armado de chamas, e flexas, porque amor não he senão huma chama, que queima, e não arde, ou huma flexa, que sem ferir o coração cauza huma dor, e huma ancia inimiga do descanso, tãobem se pinta cego, porque he temerario, em todas as suas rezoluções, e bem o mostra hum amante que estando agitado desta paixão tão violenta a tudo se atreve e em nada repara.

[A:] [...] sem duvida, mais tempo dezejara ter[...], mas como ja são ave marias, e tu estas [...] vamo-nos embora.

[T:] [...] porque se me suceder alguma coiza a ti he que [hãode] tornar a culpa adeus amado Aristo.

[A:] Amado Timante athe amanha".(f. 12)

Trava-se um diálogo entre dois amigos acerca de enamoramento e amor, formulam-se estratégias de conquista de corações, de sentimentos. As opiniões nem sempre se conjugam, bem pelo contrário. Um dos personagens mostra-se-nos mais prudente e é esse que, ao longo do trecho conceptualizará sobre matérias como a amizade⁽²⁷⁾ e o amor⁽²⁸⁾. Aquele que nas entrelinhas deixará passar, em mais de um momento, as suas próprias leituras, das quais, dada a evidência, destacamos a seguinte: "O tal amante dessa cartinha tão gavada por ti julgo que não devia ter lido toda a sua vida senão pelo livro intitulado Alivio dos Tristes con solução do (sic) queixozos

onde o autor não conta os sucessos de huma Dama sem a comparar com o sol, com as flores da primavera, com as lizonjas de Abril, e com as delicias de Maio, e para se saber a istoria aos bocadinhos he necessario a gente afligirse, e atormentar a memória" (f. 6).

Concluindo

Leituras outras, as deste manuscrito, que, uma vez suprimido, não viria a ser lido pela sociedade leitora do tempo, notadas as advertências à obscenidade, ao indecoro, às ofensivas palavras ou conceitos nele considerados por quem decidia, por quem mandava.

Leituras que, afinal, na loja de barbeiro, encontraram cenário real de leitura em voz alta para invisuais.

Leituras essas, à volta de cujos conteúdos se apontaram prognósticos de lucro, se tornados acessíveis nas bancas, ou nas ruas! Pois não era a venda de determinados produtos escritos efectuada na rua, de porta em porta, por vendedores ambulantes, muitas vezes cegos? Não era esta um prática instituída entre nós como no resto da Europa?(²⁹).

(²⁷) "He justo mas he necessario que tu saibas distinguir os amigos verdadeiros dos falsos, estes são aqueles que fazem semblante de te amar, e não amão senão o que tu lhe das, aqueles porem amão-te sem interesse dezeção ter ocações de te mostrar não com palavras mas com obras o quanto são empenhados na tua felicidade." (f. 9).

(²⁸) "[...] cupido tão celebrado dos poetas pelo deus dos amores foi filho de Venus deusa da formozura, e das delicias, a antiga gentildade o adorava como rei que dominava em todos os corações pintasse armado de chamas, e flexas, porque amor não he senão huma chama, que queima, e não arde, ou huma flexa, que sem ferir o coração cauza huma dor, e huma ancia inimiga do descanso, tãobem se pinta cego, porque he temerario, em todas as suas rezoluções, e bem o mostra hum amante que estando agitado desta paixão tão violenta a tudo se atreve e em nada repara." (f. 12).

(²⁹) Recordem-se, na oportunidade, dois dos vários documentos encontrados em Arquivo: 1-"Apresentando Balthazar Bezerra hua queixa contra o Conservador dos Cegos, Manuel Alvares de Gouvea, por requerer prender hum moço, que vendia papeis volantes pelas ruas desta cidade, se mandou ouvir o mesmo conservador..." Cf. A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, livro 10, f. 11 - Conferência de 28/09/1772; 2 -" Attendendo a Meza aos muitos embarços, que ocorrem sobre a deliberação, que necessita tomar em conformidade da consulta que desceo a respeito de cegos regatões, e livreiros; assentou, que no entanto se fizesse publicar hum edital, pelo qual fossem prohibidos de vender livros sem licença especial da Meza, todas as Pessoas, que não fossem os mercadores occupados no dito negocio". Cf. A.N./T.T.- *Real Mesa Censória*, livro 10, f. 51 - Conferência de 22/09/1774.

E as lojas de barbeiros, poder-se-iam constituir, *também elas*, como ponto de encontro para apresentação de novidades?

Tudo conjugado, não será então de deduzir [talvez na continuação de outras deduções] o desfasamento vivido entre o desejado e o proibido? A predisposição nacional/plural dos comuns, numa frente impotente contra a singular posição de dirigismo de poucos?

A escrita, nos seus variados géneros, a escrita da mudança, com novo timbre, de tónica fresca, podia até ser proibida, suprimida, escusada ou reservada. De amor ou de parénese, de medicina ou de exaltação a festas comemorativas, se a curiosidade espreita, os espaços defesos dos textos de setecentos, limitam-se sobretudo ao espartilho de tempos mais controlados, de menores liberdades, mas de liberdades que se desejam nos silêncios da luz ou nas impressões trocadas na sombra das voluntariedades dos grupos mais atentos - quem sabe, para eles, então, infelizmente?!...